

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

AMANDA REGINA FONTES DO LAGO

“É TUDO PRA ONTEM”:

Saúde mental e Juventudes em uma perspectiva interseccional

Rio de Janeiro

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

AMANDA REGINA FONTES DO LAGO

“É TUDO PRA ONTEM”:

Saúde mental e Juventudes em uma perspectiva interseccional

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos pré-requisitos para obtenção do grau de bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rachel Gouveia Passos

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para todas e todos aqueles que perderam grandes amigas e amigos, filhas e filhos, mães e pais, e grandes amores por causa do suicídio. Em especial, dedico ao meu pai que continua sendo forte por e para nós.

AGRADECIMENTOS

*[...] Façam pela sua família, faça pelo seu futuro
Faça por quem te ama, faça pela sua quebrada [...].
(GALI, Poetas no topo 3.3 parte 2, 2019)*

Gostaria de começar agradecendo a Deus por ter me mostrado um dos meus propósitos de vida através destes 4 anos, quase 5 anos de graduação. Agradeço por ter o conhecido verdadeiramente; por poder enxergá-lo todos os dias através de pessoas de carne e osso; por ter me ensinado tanto ao longo dos trajetos percorridos; e agradeço por jamais ter estado sozinha.

Agradeço também aos meus pais, meu pai Eduardo e minha mãe Rita, pelo aporte ao longo desses anos, por todo sacrifício feito e não dito, e por toda a dedicação para que hoje eu pudesse fazer escolhas pautadas naquilo que eu acredito. Assim como à minha avó, Sylvia, por ter me ensinado sobre olhar com amor para aqueles que me antecederam.

Agradeço aos meus irmãos, começando pela Maria por sempre e sob qualquer circunstância me dar apoio, por ter sido calma em tempos de ansiedade e por sempre ter me mostrado que o que eu sei tem valor. Ao meu irmão Rômulo agradeço por ter sido abrigo, por sempre me olhar com admiração mesmo que as palavras não viessem e por acreditar que eu posso muito. À minha irmã Anna, agradeço por não me perturbar tanto, deixando algum tempo para que eu estudasse, e agradeço pelos abraços mais reconfortantes do Universo. Amo vocês!

Agradeço à minha amiga Giúlia Lima (Giú) por ter acreditado em mim, bem antes que eu mesma acreditasse que seria possível. Agradeço por ter estado comigo do início ao fim vibrando por cada conquista, sendo colo em cada dia de desespero, e por em hipótese alguma ter deixado que eu me esquecesse que sou forte. Também agradeço aos tios, Tia Tânia e Tio Sérgio, pelo fato de terem me proporcionado há 5 anos atrás uma viagem que mudou minha vida, e por sempre lembrarem que o teto de vocês é o nosso chão.

Agradeço à minha amiga Vitória Oliveira (Vivi) por ter me apoiado e acreditado em mim, por ser inspiração em dias difíceis, por ter feito o possível e impossível para me encorajar, e por ousar sonhar grande comigo.

Agradeço aos amigos Amanda Souza (Amandinha), Anna Cláudia Andrade (Cacau), Bruno Dias, Eduardo Eugênio (Dudu), Maria Alice Jarcem, Maria Victória Dantas (Vick) e Renan Bergossi, por sempre estarem torcendo, se preocupando e me dando impulso na caminhada. Obrigada por terem me ouvido, por procurarem me entender e por me ensinarem sobre amor no caminho.

Agradeço às amizades feitas através da graduação. Especialmente começo agradecendo à Jessica Taiane (Jess), que hoje chamo de irmã, por todo o amor que recebi de você, pelas longas conversas no 386 a caminho de casa, pela parceria em todas as etapas da minha formação e na vida ao longo desses quase 5 anos. À Caroline Romeiro (Carol), que apesar de ter mudado de time (UERJ resiste!), sempre se fez presente, me acolheu, me inspirou e me ensinou sobre ter coragem. Vocês duas me completam! À Priscila Niza (Pri) por nos 45 minutos do segundo tempo ter se tornado uma grande amiga, por ter me ensinado muito em tão pouco tempo, por ser parceira e apoio em momentos difíceis, e ser alegria nas bobagens que só nós entendemos. Ao Gabriel Nunes por ser meu ponto seguro de paz, meu amigo confidente e por me apresentar ao mundo de tantas formas belas. Às minhas amigas Letícia Villas Boas (Lelê) e Thayane Teixeira (Thay) pela parceria, pelos incentivos, pelas ajudas, e por me permitirem aprender tanto com vocês. Eu amo a todos!

Agradeço ao Projeto de Extensão Juventudes, em especial às coordenadoras Beatriz Takeiti e Monica Villaça por terem permitido minha inserção no projeto e assim mudarem a minha trajetória na graduação. Agradeço aos amigos feitos através desse espaço, em especial à Júlia Schwarz, Letícia Marcelino, Luiz Neto, Paulo Vieira, Raquel Carvalho e Yasmin Barros.

Agradeço ao Projeto de Pesquisa e Extensão Luta Antimanicomial e Feminismos que me proporciona tantos espaços de fala, escuta e aprendizado. Através de mulheres, para mulheres e graças às mulheres, esse é o espaço no qual estarei passando de uma graduanda à uma profissional de excelência. Em especial agradeço aqui às coordenadoras Melissa Oliveira e Rachel Gouveia, e à mulherada parceira, em especial à Nathalia Meyer, que me acolheu mesmo sem notar. Além disso, agradeço duplamente à Rachel por também ter me orientado, por ter comprado a minha ideia, e por desbravar caminhos para que outras mulheres hoje pudessem ir junto.

Por fim, agradeço a mim, porque não foi fácil, mas eu consegui!

*“Eu vejo histórias que doem na alma /
Mas não sei nada do que sentiram / E por
isso canto pra ecoá-las.”*
(Cynthia Luz, *Poetisas no topo 2*, 2019)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de Serviço Social que tem como título “É tudo pra ontem”: Saúde mental e Juventudes em uma perspectiva interseccional decolonial, pretende discorrer sobre saúde mental das juventudes faveladas, interseccionalizando as questões de raça, gênero e classe, através de revisão bibliográfica, tecendo com as vivências da graduanda relatadas no diário de campo de estágio curricular nível I em uma equipe de Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) que abrange bairros da área programática 3.3 do município do Rio de Janeiro, e também trazendo reflexões a partir da arte audiovisual. O objetivo do trabalho é gerar indagações sobre como os determinantes sociais, estruturados no racismo, geram adoecimento aos jovens favelados, e como pode ser pensado a prática profissional das (os) assistentes sociais.

Palavras-chaves: Saúde mental; Jovens; Interseccionalidade

ABSTRACT

This undergraduate final work of the course of Social Work that has as the theme "It's all for yesterday": Mental Health and Youth in an intersectional decolonial perspective, intends to discuss mental health of favela youths intersectionalizing the issues of race, gender and class, through bibliographic review, join with the experiences of the undergraduate reported in the field diary of curricular internship level I in a team of Family Health Support Center (NASF) that it covers neighborhoods of the programmatic area 3.3 of the municipality of Rio de Janeiro, and also bringing reflections from the audio-visual art. The objective of this work is to generate questions about how social determinants, structured in racism, generate illness to young slum dwellers, and how the professional practice of social workers can be thought of.

Keywords: Mental Health; Young; Intersectionality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 - SAÚDE MENTAL E INTERSECCIONALIDADE	12
1.1 - O que é Interseccionalidade?	12
1.2. - Saúde mental em uma perspectiva interseccional	14
2 - JUVENTUDES FAVELADAS	18
2.1 - Uma breve contextualização sobre juventudes	20
2.2 - Juventudes faveladas: racismo, sofrimento e morte	20
3 - O RETRATO DE JOVENS FAVELADOS: a experiência de estágio	25
3.1 - Vivências do estágio na Zona Norte do Rio	25
3.2 - Uma análise do trabalho do Serviço Social e proposta interventiva com as juventudes faveladas	28
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

Esta produção dedica-se a apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Serviço Social realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que busca aprofundar o debate sobre saúde mental e juventude favelada, através da perspectiva marxista interseccional e antimanicomial.

Reconhecendo que as relações de opressão de classe, gênero e raça encontram-se imbricadas entre si e que essas relações sociais estruturam e perpetuam o modo de produção capitalista. A compreensão dessas relações não está reduzida às análises das identidades e das lutas políticas; pelo contrário, compreende-se que estas estão vinculadas às conexões materialistas existentes entre todos os indivíduos. (PASSOS; OLIVEIRA, 2017, p. 30)

O interesse no debate surge a partir de experiências da autora, uma jovem branca moradora da zona norte do Rio de Janeiro em um território não favelizado, vivenciadas em territórios de favela com jovens residentes destas, durante a graduação através da participação nos projetos de extensão: Projeto de Extensão Juventude(s): Interferências Urbanas de Arte cultura no Território; e Projeto de Extensão Educação, Saúde e Cultura em Territórios da Periferia Urbana, além do estágio supervisionado de nível I em uma equipe NASF (Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica) localizada nos bairros de Guadalupe e Costa Barros.

Durante as vivências, a prática disparada pelos dispositivos foi atravessada pelos processos sociais que implicam na noção do ser jovem em territórios favelados, com todas as suas pluralidades e riquezas culturais potencializadoras, somadas às violências estatais que se personificam em policiais militares “pacificadores”, em estruturas escolares extremamente semelhantes à prisões e manicômios, em presenças inúmeras de faltas - falta de saneamento básico, serviços de educação e saúde de qualidade, e até mesmo a falta de referencial em espaços/cargos de poder -, e em uma sociedade estigmatizadora que contraditoriamente exige soluções idealistas e aposta o futuro da nação na parcela populacional jovem.

O *iceberg* que retrata as consequências dessas violências, que são estruturadas pelo racismo, desponta em narrativas que descrevem experiências de não pertencimento, de desumanização, da impossibilidade de gerar perspectivas, chegando à extremos de

quadros de depressão, violências autoprovocadas, tentativas de suicídio, entre outros adoecimentos físicos e psíquicos.

Segundo a Organização Pan Americana da Saúde (OPAS), em 2016 o suicídio foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, e se racializarmos as estatísticas e a evidenciarmos, teremos dados como:

Em 2012, a cada 100 suicídios entre adolescentes e jovens brancos ocorreram 134 em adolescentes e jovens negros. Em todos os anos analisados, o número de suicídios foi maior entre adolescentes e jovens negros quando comparados com os brancos. O maior risco foi observado em 2016 onde a cada 100 suicídios em adolescentes e jovens brancos ocorreram 145 suicídios em negros; isto é, em 2016, o risco de suicídio foi 45% maior em adolescentes e jovens negros comparados aos brancos [...] (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018)

O sofrimento e adoecimento psíquico das juventudes faveladas, se evidencia enquanto um dos maiores apontamentos de racismo no Brasil. Pesquisar e escrever sobre saúde mental das juventudes faveladas é uma tentativa de primeiro evidenciar aquilo que Achille Mbembe (2016) escreve sobre necropolítica destacando o controle do Estado sobre os corpos ao instrumentalizados e decidindo quem viverá em nome da morte, e seletivamente produzindo morte. E segundo, gerar perspectivas de vida, mesmo que isso vá contra a onda, através do autocuidado e do cuidado coletivo, que não faz parte da lógica neoliberal colonizadora individualista em que estamos inseridos.

Como metodologia, realizou-se levantamento e análise de bibliografias e produções audiovisuais que tratassem acerca do racismo, necropolítica, interseccionalidade, saúde mental e as juventudes. Além da utilização dos relatos de experiências feitos durante o estágio acadêmico de nível I em forma de diário de campo, usando-o assim como instrumento metodológico para as reflexões.

Nesse caminho, o presente Trabalho de Conclusão de Curso está dividido em três capítulos, estes seguem uma sequência que se complementa gradativamente. O primeiro capítulo evidencia o que se entende por interseccionalidade e uma saúde mental que leva em consideração este conceito. O capítulo seguinte traz algumas reflexões sobre juventudes e, especificamente, sobre juventudes faveladas, expondo-nos vivências transpassadas pelo racismo. Já o terceiro e último capítulo expõe alguns relatos de casos vividos pelo estágio nos quais entrelaçam as juventudes faveladas e a saúde mental em sua concreticidade diária.

1. SAÚDE MENTAL E INTERSECCIONALIDADE

*Se até pra sonhar tem entrave
A felicidade do branco é plena
A felicidade do preto é quase.
(EMICIDA, Ismália, 2019)*

Este item possui o intuito de apresentar um estudo com relação à conceitualização de Interseccionalidade cunhada por mulheres negras somada ao campo da saúde mental a partir da apreensão de que instituições da violência. Conforme compreendia Basaglia (2005), as instituições da violência são pilares na fundamentação e reprodução do sistema capitalista, atentando-se aos encadeamentos étnico-raciais destes movimentos na sociedade brasileira. O mesmo subdivide-se em duas partes, a primeira trata sobre a definição teórica do conceito Interseccionalidade, assim como sua historicidade. E a segunda parte, aborda o atravessamento de saberes interseccionais, que conectam as relações de gênero, raça e classe, juntamente a saúde mental buscando entender os efeitos da invisibilização, subalternização e extermínio de corpos estabelecidos por determinantes sociais específicos.

1.1. O que é Interseccionalidade?

Ao ser lida a palavra interseccionalidade espontaneamente remete-se ao termo matemático “intersecção”, que por via de regra pode ser definido enquanto um conjunto de elementos que, ao mesmo tempo, pertencem a dois ou mais conjuntos. Em virtude dessa associação às Ciências Matemáticas, certamente é ocasionado muitas expressões faciais de dúvida e gerado um afastamento momentâneo.

Acontece que o conceito de Interseccionalidade sobrepõe-se a essa associação, e apesar de emergir no horizonte acadêmico, passou a ser muito utilizado em movimentos sociais, redes sociais e produções textuais das mais diversas. A professora chamada Kimberlé Crenshaw, uma norte-americana jurista, também interessada em assuntos sociológicos, desenvolveu esse termo e o utilizou pela primeira vez oficialmente em 1989, na tentativa de lidar com a problemática das opressões e das desigualdades da historicidade norte-americana, buscando dialogar com as questões de gênero e com as questões raciais.

A Interseccionalidade,

aparece como resposta teórica para a multiplicidade e as importantes diferenças entre as mulheres, e representa hoje uma abordagem

multidisciplinar muito importante nas teorizações feministas e antirracistas que pretendem se debruçar não só sobre as múltiplas formas de dominação e subordinação de mulheres, mas também sobre as formas e organização política. (CRESHAW, 2002; NOGUEIRA, 2013; BIROLI e MIGUEL, 2014; HIRATA, 2014 *apud* PASSOS, OLIVEIRA, 2017, p. 30).

A Interseccionalidade é um conceito que busca compreender e explicar os problemas sociais ampla e estruturalmente, assim como as dinâmicas que os envolve, já que os problemas não são estáticos, longe disso, são dinâmicos e interagem a partir de múltiplos eixos, não só sobre o viés racial, ou tão somente pelo viés do patriarcado, ou da exploração de classes. A Interseccionalidade se propõe a articular os múltiplos eixos que geram subordinação, hierarquia social, exploração e desigualdades.

Hoje, podemos dizer que Interseccionalidade seja um conceito utilizado nas Ciências Sociais para pensar as desigualdades sociais e econômicas, mas também pode sinalizar que mudou, tornando-se possível compreendê-la enquanto uma ferramenta e instrumento de enfrentamento e intervenção política - a teor de exemplo, é viável remeter-se a alguns movimentos sociais .

Assim como a Interseccionalidade pode ser compreendida na qualidade de experiência ou uma maneira dos coletivos poderem nomear a forma como percebem as desigualdades múltiplas nas violações de direitos humanos, até mesmo o extermínio. A Interseccionalidade transfigura-se em uma identidade coletiva, como as mulheres que se valem do conceito para um jeito de se autonear enquanto Feministas Interseccionais.

A importância do conceito manifesta-se quando as multifacetadas experiências nas realidades sociais deixam de ser suprimidas, invisibilizadas ou hierarquizadas, e começam a ter a possibilidade de articulação de modo a se expressarem mutuamente, fugindo de definições simplistas e reducionistas.

Entretanto, ainda que seja possível datar historicamente o surgimento do conceito, é necessário desvelar que antes de ser nomeado, o movimento que resulta da Interseccionalidade já era vivo. Escritos datados anteriormente à 1989, inclusive de autoras negras e brasileiras como Sueli Carneiro, já demonstravam a experiência de intersecção.

Carneiro e Santos (1985) estabelecem que para as mulheres negras cabe uma dupla militância, em que a interseção de raça, gênero e classe como forma específica de opressão deve ser considerada em sua totalidade, e sua atuação dentro dos movimentos negro e feminista objetiva '[...] sensibilizá-los para o combate ao sexismo e ao racismo como elementos estruturantes na definição de um projeto de uma sociedade justa e igualitária' (RIBEIRO, 1995;451) (RODRIGUES, 2013, p. 5).

Havendo assim, registros históricos importantíssimos que demonstram as investidas e a resistência de pautas fundamentadas no movimento de mulheres negras e brasileiras, que se propuseram a enegrecer as pautas do movimento feminista e trazer à tona a questão de gênero no movimento negro.

Promovendo uma diversificação das concepções e práticas políticas em uma dupla perspectiva, tanto afirmando novos sujeitos políticos quanto exigindo reconhecimento das diferenças e desigualdades entre esses novos sujeitos. (RODRIGUES, 2013, p. 2)

Na música “1910”, a rapper Gabz (2019) diz que “a esperança é uma mulher preta cantando os raps mais pesados do planeta”, e de fato é. Ao abrir caminhos por meio de narrativas e escritas que expressam vivências efetivas que são desumanizadas ao serem postas no lugar do não visível, mulheres negras convertem-se literalmente na esperança da conceitualidade acadêmica rompendo com caminhos brancos heteronormativos tradicionalmente traçados.

A partir dessa apreensão, é possível concluir a Interseccionalidade enquanto fruto maleável e mutável das vivências, resistências e reexistências de mulheres negras, que sonoramente pode-se refletir através da rapper Thai Flow (2019), ainda na música “1910” “Cês mataram a menina, agora vão ter que me ouvir/Como Dandara que lutou junto de Zumbi/E nem ouvi fazer homenagem” ou através do vídeo do último pronunciamento da vereadora favelada Marielle Franco antes de ser executada no estado do Rio de Janeiro no ano de 2018 declarando que não seria interrompida, e mesmo com o seu assassinato físico, ela não foi.

1.2. Saúde mental em uma perspectiva interseccional

Ao analisar a saúde mental sob a ótica da interseccionalidade, é preciso antes dar o pontapé desmistificando a antiquada ideia de que saúde se reduz vinculando-a tão somente ao corpo não doente, ou a mera ausência de doenças. Na verdade, a saúde, dentre outras definições, pode ser compreendida enquanto a complexa junção do bem-estar físico, mental e social de uma pessoa, o que se formos incorporar nas realidades que atravessam a sociedade brasileira, aparenta ser e concretamente é um horizonte distante.

Franco Basaglia, psiquiatra italiano e influenciador no movimento de Reforma Psiquiátrica Italiana, trazia em sua escrita e atuação, a problematização de ter a Ciência, incluindo a própria Psiquiatria, enquanto o martelo do juiz. Inclusive utilizou-se metaforicamente em seu legado do ato que chamou de colocar a doença entre parênteses, fazendo com que os sujeitos se revelem sem que sejam invisibilizados ou reduzidos. A pessoa que atravessa por sofrimentos, começa a ser vista e ouvida.

‘Homem petrificado’ é a nomenclatura encontrada nos textos de Basaglia para situar este corpo cuja loucura já não tem mais força. Pergunta-se: como pode um corpo petrificado dançar? No contexto manicomial, todo movimento da pessoa assistida é conduzido à condição petrificada. Não houve dança, pois dentro dos muros tudo vira pedra. Tomarmos a dança unicamente como expressão de um sofrimento é restringi-la a uma definição precisa do que deve ser dança e o que deve ser sofrimento, logo o sofrimento é inserido num campo apertado de possibilidades e extremamente normativo. A mulher que dança coisificada num corpo sofredor conflitante não pode dançar; sendo assim, a dança deve ser contida por que não é dança, mas uma expressão violenta do corpo surtado.

Basaglia, ao questionar este processo de objetificação, inverteu a lógica psiquiátrica e colocou a doença, e não o humano, entre parênteses. Nesta atitude, olhou para a pessoa, antes de olhar para a doença. (MARTINS, 2009, p. 49)

Tomando por base literaturas como a de Basaglia ou poesias como a de Matheusa Passareli, - “corpo estranho” (2018) e estudante de artes da UERJ, que foi executada por traficantes no Rio de Janeiro após passar por uma espécie de tribunal - entender a saúde mental em uma perspectiva interseccional, requer considerar uma saúde mental não manicomial, que não enquadra, aprisiona ou molda em diagnósticos, mas que leva em conta territórios, histórias e sujeitos atravessados por diversos marcadores sociais, contradições e totalidades.

ser corpo estranho é ser cidadão.

na sociedade normativa acadêmica branca colonizada cisgênero heterossexual consumista.

ser corpo estranho é ter tomado consciência da importância de existir, quando desde criança viver no mundo era seguir padrões em detrimento de sua própria natureza. detrimento do bem estar de ser quem quiser. da liberdade de poder habitar.

eu habito o meu corpo para buscar habitar corpos e espaços nunca conhecidos. utilizo de poesia como forma de sobrevivência sobre a pulsão de ser verdadeiro e estar o tempo inteiro se afirmando. ser só se

tornou possível através do contato com corpos estranhos, corpos que habitam suas próprias subjetividades e vivem também na cidade. corpos estranhos em contato provocam descobrimentos e proporcionam o entendimento de outras realidades, o estranhamento não deve ser motivo para tornar negativo os julgamentos.

o estranhamento precisa ser entendido como o contato com o outro. o diferente. diferente em corpo que se fez em trajetórias individuais. indivíduos vivendo em solos de controle e manipulação, sendo colocados como sociedade e por isso obrigados ao contato, corpos se tornam obrigados a servir a moeda, a utilizar da prata para atingir ao progresso, que mais uma vez vai em detrimento dos recursos naturais e livres.

nome, coisa, animal, objeto (adecada)

órgãos de um sistema

em funcionamento pleno

massacre permanente.

@theusinha

em estado de graça. (PASSARELLI, 2018)

Matheusa era, e ainda é, com sua escrita deixada, exemplo de um corpo que foi violentado ao ser entendido e visto enquanto estranho comparado aquilo lido enquanto o normal nessa sociedade equiparada pelo capital, pela sua brancura e traços “finos”, pela identificação metódica com seu sexo biológico e por sua atração amorosa e sexual pelo sexo oposto. Os corpos que violam esses sentidos prescritos e hegemônicos são como leprosos na época de Cristo, traduzindo, são compreendidos enquanto corpos dignos de repulsão, afastamentos e sucessivas violências das mais visíveis até as mais subjetivas.

Basaglia (2005) descreve a existência dos manicômios enquanto expressão da vontade de excluir aquilo que se teme por ser desconhecido e inacessível, e ao atravessar por essa concepção, o manicômio torna-se uma instituição dentre tantas outras que reproduz o que se vive na sociedade numa perspectiva macro.

Mas que se atente para os hospícios, as prisões, e as favelas, como lugares privilegiados da culpabilidade enquanto dominação e repressão. Que se atente para as práticas dessa culpabilidade através da chamada ação policial. (GONZALEZ, 1984, p 240)

Tomar por escopo a interseccionalidade ao envolver saúde mental está intrinsecamente relacionado a movimentar-se pela luta antimanicomial, defendendo a liberdade de ser quem se é, seja na dita sanidade ou na real loucura. Ser antimanicomial é interseccionar as lutas de gênero, de classe e contra o racismo; é não deixar que corpos

sejam estigmatizados e/ou institucionalizados; é questionar as aparências naturais e inofensivas que vestem as violências.

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo, é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzales, 1979b), pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (GONZALEZ, 1984, p. 225)

A interseccionalidade e a sua inserção na luta antimanicomial prevê movimento em direção da defesa dos direitos das pessoas que passam por sofrimentos psíquicos, diferente da inércia que a colonialidade deseja e nos ensina a ter. Froid (2017), canta na música Chuva que “Vocês que são testemunha/E ao mesmo tempo cúmplice/Vocês que ensinam ereto/Ao mesmo tempo curvam-se” nos fazendo lembrar de uma expressão popular que denomina vacas de presépio, àqueles que só ocupam um espaço sem que o modifique. É como ser testemunha de todo o racismo, sexismo e classismo que nos atravessa, provocando adoecimento e mortes, mas ao mesmo tempo gerando privilégios de vida aos homens brancos, e mesmo assim não fazendo nada.

O intuito de movimentar-se e de lutar também traz a dimensão de tornar visível e do não esquecer, mantendo-se vivo aquilo que foi posto perifericamente escondido, no lugar do não ser.

Nas páginas iniciais de *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon fala da existência de uma zona do não-ser, “uma região extraordinariamente estéril e árida”, habitada pelo negro. O olhar imperial do branco o fixou nesta zona. Em virtude deste olhar fixador, “mesmo me expondo ao ressentimento de meus irmão de cor”, Fanon afirma, “o negro não é um homem” (Fanon, 2008, p. 26), portanto, não é um ser. (FANON, 2018, *apud* COSTA, 2016)

2. JUVENTUDES FAVELADAS

*[...] Fala de Jesus, mas tá fazendo aposta
Pra ver quantos corpos a bordo de um
camburão lá da favela desce
O vírus que mata mais é sua ignorância
Quem apoia um genocida, a história
nunca esquece
Morte de inocente, faixa etária é treze
anos
Não consigo respirar, eles caça a pele
escura
João tá presente, Cauã tá presente
Maria presente, a morte vem de viatura
País tropical que não gosta de preto
Vou cobrar tudo que cês apropriaram
Plantaram o caos e tão colhendo morte
[...]
(AXANT, Primavera Fascista 2, 2020)*

Neste capítulo será apresentado algumas compreensões e apreensões sobre juventude e juventudes, explicando suas diferenciações e justificando-se qual conceito está sendo utilizado para a presente escrita, para então falar acerca das juventudes faveladas. Em seguida, cruza-se o que se entende por juventudes faveladas com aquilo que se é vivido cotidianamente entendendo o racismo estrutural e estruturante desvelado seja por intelectuais que rimam e/ou por autores acadêmicos.

2.1. Uma breve contextualização sobre juventudes

Em muitas escritas o que vamos encontrar para definir juventudes são tipos de categorizações etárias (por idade), onde se delimita esta como a fase entre a adolescência e a fase adulta. A própria lei nº12.852 de 2013, que institui o Estatuto da Juventude, determina que são consideradas jovens as pessoas entre 15 e 29 anos, tendo em um de seus pontos a ressalva de que adolescentes são aqueles que possuem a idade entre 15 e 18 anos.

Alguns autores acabam por confundir as fases, e outros propositalmente substituem o conceito da adolescência pelo termo jovens/juventude ao entenderem que as definições associadas até então a adolescência são tentativas de padronização, controle e redução do processo de se construir enquanto sujeito, o que leva aos leitores entenderem esta enquanto uma fase que todos passarão obrigatoriamente e/ou que individualmente

cada sujeito irá naturalmente entender que mudanças ocorreram e pela sua idade chegou a adolescência (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, *apud* LAHORGUE, 2014).

Assim, a mudança da nomenclatura seria

[...] uma ação política importante nesse momento em que há tanta insistência em individualizar e interiorizar as questões sociais, e em psiquiatrizar e criminalizar os ditos desvios das normas impostas a todos nós. O conceito de juventude poderia permitir a abertura de espaços para a diferença que existe nos processos e nos acasos dos encontros[...] (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 7 *apud* LAHORGUE, 2014, p. 31).

Contudo, mesmo que ainda haja uma tentativa de se pensar na juventude para além de uma fase enquadrada em moldes homogêneos, pensá-la ainda no singular é deixar de lado sua pluralidade. Por isso aqui refletiremos as juventudes, sempre no plural, enquanto a vivência de processos que se interseccionam em seus múltiplos determinantes sociais.

Localizando a juventude enquanto

condição existente em vários grupos sociais, mas que pode ser significada distintamente por cada um deles, enfatizando os diferentes modos de vivência de tal momento (LEVITAN; FURTADO; ZANELLA, 2009, p.285 *apud* LAHORGUE, 2014, p. 34).

Isso nos dá margem para entender que o jovem branco morador de Copacabana, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, não terá a mesma vivência que um jovem negro morador de uma das favelas do Complexo do Chapadão, na Zona Norte da cidade. E mesmo que pensemos tão somente em um dos territórios geográficos, as questões ainda assim serão plurais.

Tem uma parte da música “*Flow Lázaro Ramos*”, que o cantor Froid (2017), diz “Desculpa eu, quando eu falei da prata/Tava cego, isso não muda nada/Ainda me olham do mesmo jeito/É muito pior do que eu imaginava” se referindo a outra música no qual participou, aonde ele diz que nunca tinha andado tão prateado por sua ascensão financeira através do *rap*. Acontece que Froid percebe que a sociedade ainda o olha do mesmo jeito, como um homem negro através da lente dos estigmas mesmo que com poder aquisitivo.

A essência e o desafio está em compreender que historicamente os determinantes sociais se entrecruzam com as violências ocasionadas pelo racismo, jamais esquecendo que o

Genocídio trazido de caravela/ Mesma cara velha responsável por nossa chave e sequelas/A história gira e o que gera são tragédias/Praga de Idade

Média, Bolsonaro e Marcelo Crivella Cristo branco em novela não revela/Os Messias assassinado em aldeia e favela (SOUTO, Poetas no topo 3.3 parte 2, 2019).

Ao partirmos da linha de diferença que o racismo provoca, torna-se possível entender que à uma parcela das juventudes fica reservado o frescor e o gozo de se curtir e aproveitar sua jovialidade, e à outra, reserva-se o amadurecer precoce, a desumanização, o adoecer, a morte e/ou o viver resistindo.

[...] Nogueira (1988) salienta que a ideologia racial se estrutura na condição universal e essencial da brancura. Desde essa perspectiva, a brancura passa a ser referência de razão, pureza artística, superioridade estética, moral soberana, sabedoria científica etc. Ao encarnar todas as virtudes, os brancos personificam a “civilização”. Nogueira (1988) indica ainda que, a operacionalidade dessa fabricação depende da possibilidade de produzir o seu contraponto: “A cultura necessita do negativo, do que é recusado, para poder instaurar, positivamente, o desejável. Tal processo inscreve os negros num paradigma de inferioridade em relação aos brancos”. (NOGUEIRA, 1988, p.44). Ou seja, “se as características do branco são a norma da humanidade, todos os não brancos são o desvio da norma. Todos os negros são os não humanos” (p.89). (NOGUEIRA, 1988, *apud* LIMA, PAZ, 2021, p. 97).

2.2. Juventudes faveladas: racismo, sofrimento e morte

Quando falamos de jovens favelados, majoritariamente estamos nos referindo à jovens negros que presenciam as consequências do racismo diariamente, desde condições materiais precarizadas, falas violentas de governantes, passando pelo não cuidado à saúde física e mental, até ações que abatem vidas alcançando assim o objetivo final ao mirar na cabecinha como diria o ex governador do estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel.

Fanon (2008) traça uma sociogênese, um diagnóstico social de como a negritude está sendo reconhecida e como o seu não reconhecimento, a sua condição de inferiorização, subordinação e de invisibilidade podem acarretar problemas mentais. Jeane Tavares (2019) ratifica que a saúde mental da população negra é diretamente afetada pelo racismo estrutural, que orienta as práticas e relações políticas, sociais, econômicas, jurídicas, afetivas. As experiências de pobreza – condição crônica imposta à existência negra – exposição ou referências contínuas de perigo, ameaça, violência, humilhações e mortes desde a infância são condicionantes que se associam fortemente ao adoecimento físico e psíquico entre a população negra. (LIMA, PAZ, 2020, p. 99)

As circunstâncias da existência favelizada em um Estado racista e genocida encaminha o corpo negro jovem a viver sob o frequente medo e sentimento de não

pertencimento que precocemente o leva a compreender sobre a perspectiva de morte que o cerca, afinal como falar de futuro com tantos jovens morrendo?!

Marcos Vinicius, um jovem de 14 anos, foi morto em uma operação policial no Complexo da Maré com um tiro nas costas. Sua mãe, Bruna da Silva, o ouviu, ainda lúcido, dizer que sabia quem havia atirado nele, e que tinha sido o blindado da polícia. Ele ainda a indaga se a polícia não o viu com a roupa de escola (EL PAÍS, 2018).

O caso é dolorido porque retrata a morte provocada, que não é pontual para os jovens negros. A cada 23 minutos um jovem negro morre no Brasil (ONU BRASIL, 2017 *apud* MARQUES, 2017), é como se o Estado estivesse brincando de resta 1. No caso de Marcos, o que restou foram as sobras de um uniforme de uma escola de educação pública manchada com o seu sangue.

O *rapper* Sant (2015), em sua música “*O que separa os homens dos meninos*”, além de descrever sua história enquanto jovem negro e favelado, termina confrontando o cantor Leoni (1993), quanto a letra da música Garotos II, no qual diz “que garotos são só garotos”. Sant debate dizendo que circunstâncias da sua vida o tornaram homem, assim como o *rapper* Kyan (2020) na música Visão de cria que diz que “desde novin nós aprende a ser homem”, e DK (2020) com o verso “os beco te ensina a ser homem desde cedo” na música Favela Vive 4, dentre tantas outras composições que poderia citar, essas exemplificam que o direito a viver as juventudes em suas múltiplas facetas, é negligenciado quando falamos de jovens negros favelados.

Este cenário de futuro unicamente em direção à morte, pela mão penal do Estado ou por seus negligenciamentos, nos levam ao debate sobre adoecimentos relativos à saúde mental das juventudes negras. Estamos falando de índices significativos de casos de depressão, violências autoprovocadas e suicídios de jovens negros.

Um dos grupos vulneráveis mais afetados pelo suicídio são os jovens e sobretudo os jovens negros, devido principalmente ao preconceito e à discriminação racial e ao racismo institucional. Muitas vezes as queixas raciais podem ser subestimadas ou individualizadas, tratadas como algo pontual, de pouca importância e ainda culpabilizando aquele que sofre o preconceito. O estigma em torno do suicídio, aliados a elementos estruturantes como o racismo estão relacionados e contribuem para o silenciamento em torno da questão, além das dificuldades de se falar abertamente sobre o assunto. [...] De 2012 a 2016, a proporção de suicídios entre negros aumentou em comparação às demais raças/cores, subindo de 53,3% em 2012 para 55,4% em 2016. O percentual de suicídios aumentou entre os pardos (2012: 46,2% e 2016: 49,3%) e

indígenas (2012: 2,1% e 2016: 2,9%). (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018)

Se formos interseccionar os dados com a questão de gênero, vamos entender que o grupo de risco para o suicídio entre adolescentes e jovens é muito bem definido:

Especificamente entre os adolescentes do sexo masculino, o número de suicídios entre os negros foi maior em todo os anos observados. Em 2012, a cada 100 suicídios entre adolescentes brancos do sexo masculino, ocorreram 134 suicídios entre os negros.

No ano de 2016, essa diferença entre negros e brancos aumentou: a cada 100 suicídios em adolescentes e jovens brancos do sexo masculino, ocorreram 150 suicídios em negros. Isto mostra que no ano de 2016, o risco de suicídio foi 50% maior entre os adolescentes e jovens do sexo masculino negros, quando comparados aos brancos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018)

O jovem Ricardo Lima da Silva cometeu suicídio, no dia 25 de maio de 2021 no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo, e segundo familiares e amigos, ele sofria racismo e *bullying* por parte dos docentes e dos colegas. O universitário antes de morrer, pediu ajuda à universidade através de e-mails e cartas, e a instituição não o ajudou (O DIA IG, 2021).

Partindo da ideia do negro como invisível em uma sociedade branca, o racismo força o sujeito negro a existir como Outro, assim privado do seu eu – a existência invisibilizada é performada através da realização do ato suicida (KILOMBA, 2019). Essa configuração subverte primeiramente o valor da existência e, secundariamente, a finalidade do ato suicida. O valor da existência pode ser reconhecido pelas éticas da vida, cujos corpos e subjetividades negras eram, e ainda o são excluídos automaticamente do campo de possibilidades e condições dignas. Nessa perspectiva do “não ser” ou ser o/a outro(a) da branquitude, Kilomba (2019) defende a associação entre racismo, isolamento e suicídio. (LIMA; PAZ, 2020, p. 101)

O que a escritora Grada Kilomba traz como essa existência invisibilizada do sujeito negro, é materializada não só no suicídio, porém também nos e-mails e cartas não respondidas pela instituição pública de ensino. O estar no lugar invisível também remete à indagação de Marcos Vinícius “Ele não me viu com a roupa de escola?”. É como se dentre os 5 sentidos do corpo humano, a visão não valesse à população negra, e quanto ao socorro que se grita, frequentemente se é abafado.

[...] E minha filha, criança ainda/Traumatizada, acordou chorando e veio correndo pros meus braços/Playboy não sabe o quê que é um tiro de fuzil na hora da troca/Atravessando a janela do seu quarto/O povo

aqui em cima pede socorro/Indignado quando a bala come/Eles têm grana pra guerra no morro/Mas nunca consegue acabar com a fome, não [...] (MC CABELINHO, Favela vive 4, 2020)

Ainda através da escrita decolonial da autora Kilomba, há uma leitura sobre o ato suicida da população negra que retira o viés unicamente do ato como resultante de transtornos mentais,

Kilomba (2019) levanta outra lógica, sustentada pelo exemplo paradigmático de Margaret Garner: uma mulher escravizada nos EUA que, depois de escapar dos campos de plantação e ser encontrada por seu senhor branco, tentou matar suas quatro crianças e a ela mesma. Seu planejado infanticídio e suicídio era uma forma de proteção de si e dos seus filhos de um “sistema de escravização que as desumanizava e as removia do reino da identidade individual” (KILOMBA, 2019 - p. 188). Nesse caso, a autora defende a tese do ato suicida como uma reivindicação da sua subjetividade, uma forma de tornar-se sujeito, rompendo com a ideia do escravizado como uma coisa desprovida de alma. Matar a si mesmo é matar o Outro gestado pelo colonialismo da brancura universal.

Diferente de uma perspectiva filosófica ocidental e individualista que defende a autonomia como princípio (bio)ético e filosófico, Kilomba pauta a autonomia por outras bases epistemológicas, raciais e descolonizadoras. Uma mulher escravizada, subalternizada, violada e violentada deixa de existir como sujeito. Em um contexto em que a vida e a morte do escravizado eram propriedades do seu senhor, o suicídio torna-se então e em última instância, uma expressão da autonomia, “pois somente um sujeito pode decidir sobre sua própria vida ou determinar sua existência” (KILOMBA, 2019 – p.189). (KILOMBA, 2019, *apud* LIMA, PAZ, 2020, p. 101)

Essa chave de leitura sobre a morte autoprovocada como autonomia sobre os corpos, descolonizando as decisões que os colonizam até subjetivamente, aparece também em versos como o do *rapper* Dudu (2018) na música Primavera Fascista: “entre a escravidão e a morte, eu escolho ser morto”. É sobre escolher resistir mesmo que em meio a morte, entendendo-a como única opção de escolha para além do sofrimento em vida. Aqui vale ressaltar que a morte nem sempre é lida como interrompimento da vida ou dos laços com sua comunidade de convivência, a morte pode ser considerada uma passagem, fugindo de ideias estigmatizantes e/ou julgamentos morais colonizadores de ser pecado.

As reflexões de Kilomba junto ao *rapper* Dudu nos leva a um caminho de reflexões sobre a vida que reexiste na resistência, ainda que, isso revele e denuncie o fato de não haver opção de vida sem que esta esteja entrelaçada com o sofrimento e

adoecimento reservada à população negra neste Estado colonial, concomitantemente nos mostra que as vidas negras não se reduzem a dor, mesmo que o oferecido seja isso.

Os jovens favelados continuam a resistir, continuam porque historicamente sempre o fizeram,

O quilombo existe desde quando negros importados (eras mercadorias) da África começaram a ser utilizados nas lavouras e logo passou a representar para o Estado e, sobretudo, para os grupos dominantes uma ameaça à ordem estabelecida. Do ponto de vista dos quilombolas, significava tão-somente a possibilidade de resistência ao senhorio e ao próprio Estado colonial (Moura, 1987; 1988; RIBEIRO, 1996). Tendo em vista que a Abolição da Escravatura encontrou ainda esses espaços habitados, pois, como relata a literatura pertinente, o Estado não foi capaz de extingui-los ao longo dos períodos colonial e imperial, permaneceram como tal até a cidade incorporá-los ao espaço urbano ou agrário. Portanto admitir que o espaço quilombola fora transmutado em espaço favelado é incluí-los no processo maior, ou seja, é admitir que as populações pobres, através de suas apropriações dos espaços periurbanos, ilegais à luz do poder público, participaram da construção do espaço urbano das cidades. (CAMPOS, 2005, p. 24)

A juventude favelada é reconhecida ainda como uma “ameaça à ordem” do Estado porque nunca fizeram e não fazem parte da lógica eugenista e higienista que o permeia. E a estes resta o não cuidado, mesmo resistindo, quem é a juventude, na ideação da nação, no qual são designa-se o futuro e lhes é reservado o direito à vida?! O palhaço Pagliacci do conto poderia facilmente ser interpretado por um jovem favelado negro.

Um homem vai ao médico, diz que está deprimido. Diz que a vida parece dura e cruel. Conta que se sente só num mundo ameaçador onde o que se anuncia é vago e incerto.

O médico diz: “O tratamento é simples. O grande palhaço Pagliacci está na cidade, assista ao espetáculo. Isso deve animá-lo.”

O homem se desfaz em lágrimas. E diz: “Mas, doutor... Eu sou o Pagliacci.” (MOORE *apud* ANDRADE, 2018)

3. O RETRATO DE JOVENS FAVELADOS: a experiência de estágio

*Vida de pobre foi cobaia pra salvar a economia
Tem sangue no Excel que enriquece a burguesia
A fome não foi pra pauta, somente a mão de obra
Não ligam pra nossa falta, protegem a própria sobra
É que a direita me quer na mira da Colt
Enquanto o branco esquerdo-cult controla as minhas narrativas
Revolucionário que nunca pisou no gueto
É literatura branca me ensinando a ser preto. (CESAR MC, Favela vive 4, 2020)*

Esse capítulo visa primeiro mostrar a prática da graduanda em sua experiência de estágio curricular de serviço Social rememorando casos descritos em seu diário de campo, trazendo concreticidade ao se deparar com situações de adoecimentos de ordem de saúde mental nos territórios favelados que percorreu. E por fim, pretende-se trazer propostas interventivas para a prática profissional das(os) assistentes sociais, a partir da análise do vivido e da prospecção do que se pretende enquanto categoria profissional.

3.1. Vivências do estágio na Zona Norte do Rio

Na graduação de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é necessário para conclusão do curso passar por 4 níveis de estágio. No primeiro nível de estágio, que ocorreu no primeiro semestre do ano de 2019, me inseri em uma equipe de Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), que abrangia duas unidades de saúde na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, a Clínica da Família Maestro Celestino, localizada no bairro de Guadalupe, e o Centro Municipal de Saúde Portus e Quitanda, localizado no bairro de Costa Barros.

A partir da minha inserção nos territórios e através da observação participante ao acompanhar a equipe multiprofissional, presenciei casos de usuários que envolveram questões de saúde mental e jovens do território atravessando o cotidiano de trabalho das unidades de atenção básica.

Uma das primeiras ações de trabalho que esses casos aparecem, foi nas ações que concernem ao Programa de Saúde na Escola,

[...] Acompanhei a ida ao Colégio Municipal Escultor Leão Velloso, junto à minha supervisora de campo, à nutricionista e à uma ACS - destacando o fato de que qualquer visita domiciliar ou atividade no território tem que ter o acompanhamento de um(a) ACS. No momento descrito foi feito o planejamento do Programa de Saúde da Escola (PSE) junto ao diretor geral e aos diretores adjuntos da instituição de ensino. Onde ficou evidente a demanda dos alunos quanto a necessidade de expor sobre o assunto de violência autoprovocada (automutilação, tentativa de suicídio). Questão esta que faço ligação ao contexto social que esses alunos estão inseridos, fora que, ao me ver, a incidência sobre o assunto tem sido maior na contemporaneidade. Tempo este em que vivemos onde o sistema faz e pressiona para que cada vez mais os seres em que nele vivem/sobrevivem sejam egoístas, e fortes o suficiente para que questões da subjetividade humana sejam ignoradas e superadas, como se assim pudesse ser feito. [...] (LAGO, 2019, p.4)

É preciso destacar que na época do registro, obtinha-se uma visão limitada sobre os fenômenos da saúde mental, quiçá uma visão reducionista e racista ao enxergar o fenômeno da violência autoprovocada como com maior incidência na contemporaneidade, deixando de lado a historicidade do fenômeno, e ao não enxergar as questões de raça, gênero e classe interseccionalizadas que atravessam o assunto.

O recaimento dos fatores territoriais e da própria estrutura manicomial da escola na tentativa de compreender a demanda foi destacado

[...] voltamos ao Colégio Municipal Escultor Leão Velloso, para nos apresentarmos enquanto equipe de saúde para os alunos. Para que quando viéssemos a realizar as ações planejadas, os alunos já nos reconhecessem. Foi só com essa visita que percebi o quanto a estrutura daquele Colégio lembra a estrutura de um presídio. O que gera “n” questões a serem discutidas, e que perpassam e perpassarão, bem provavelmente, a equipe de saúde quanto às demandas que irão surgir. [...] (LAGO, 2019, p. 6)

Contudo, houve um abismo na não nomeação e identificação do racismo que se encontra enraizado nos fenômenos de violências autoprovocadas e dos suicídios, que deveriam aparecer na discussão e nos encaminhamentos do caso.

Segundo Carneiro (2005), para compreender a dinâmica discursiva que enoda as relações raciais no Brasil, os silêncios têm lugar privilegiado, em particular na definição das interdições. Resultado das necropolíticas que estruturam a vida e morte, o silêncio constrói lugar de acolhida para alguns discursos de motivação de suicídio, enquanto excluem outros. O racismo apaga a si como possibilidade de motivação concreta para o suicídio, podendo ser silenciado e/ou desacreditado, tanto pelo tentante como pelos profissionais de saúde. (LIMA, PAZ, 2021, p. 105)

Essa invisibilização ocorre em outro caso que aparece como demanda referente a saúde mental para a equipe:

[...] atendimento de um adolescente, cujo já havia questões de saúde mental desde a sua infância. Ele passou sofreu abuso sexual por um conhecido, e ainda foi relatado um processo de violência autoprovocada. O usuário mostrou pra equipe os cortes feitos por ele mesmo, em sua própria barriga, com pedaços de vidro quebrado. A mãe do menino demonstrava-se apreensiva com a situação, mas aliviada em saber que o conhecido que foi autor do abuso sexual havia sido morto pelo tráfico local. Minha supervisora deu as devidas orientações à mãe, e o psicólogo fez atendimento com o menino. Mas presenciar aquelas falas ao vivo, foi chocante (e é só essa palavra que me vem à cabeça e que expressa o que senti ali na hora). [...] (LAGO, 2019, p. 8)

Esse caso foi muito marcante por ter sido o primeiro no qual tive contato que transpassou abuso sexual e questões de saúde mental, suscitando-se na violência autoprovocada. Apesar de eu não ter relatado no diário de campo, utilizo-me da memória enquanto instrumento de produção, e relato aqui que esse jovem havia de 13 à 14 anos, era negro e morava em uma das favelas do bairro de Costa Barros. E nenhum desses fatos me pareceram ser importantes para fazer a leitura do caso em uma perspectiva macro. Como diz o rapper Nego Max (2020), na música Eu não sou racista “Nessa conversa só existe dois lados/O com o passado escravocrata e o outro com o passado escravizado”.

O último caso a ser apresentado não está intrinsecamente exposto que deve haver uma abordagem profissional a partir de reflexões que envolvam saúde mental, mas se conecta com toda a discussão feita nos capítulos anteriores onde buscamos refletir sobre como a violência que se instaura nos territórios favelados incidem na geração de perspectiva da não vida.

[...] Realizamos também uma Visita Domiciliar (VD), onde fomos saber o estado de saúde de um jovem do território que ficou paraplégico após ter sido baleado por um policial ao tentar roubar uma loja, e o jovem estava armado na hora por ter tentado roubo. Contudo, a família do jovem alega que houve um excesso de uso da força policial, que teria atirado três vezes no menino que estaria de costas para o agente, e este só teria parado os disparos porque um conhecido do menino gritou, e não deixou o policial matá-lo no local. Após o ocorrido, segundo a família, o menino ainda teria passado por uma série de negligências na hora do atendimento já no hospital por ele ser já identificado pelos funcionários do local como assaltante (ou bandido), fazendo com que o menino passasse por situações descritas como não humanas, coisas como o fato de não darem banho no menino, deixando ele defecar na cama, e continuar no local por um bom tempo. Até que a própria família

passou a acompanhar o menino durante sua internação no hospital, auxiliando o mesmo em certos procedimentos e afazeres diários. O acontecimento me faz refletir, não só sobre a violência policial ou as negligências por parte do hospital que ocorrem, mas sobre as diversas e consecutivas violências que este jovem sofreu ao longo da vida enquanto menino favelado (oriundo da favela), e sofrerá enquanto um jovem que infringiu a lei. O quanto essas violências geram e acarretam em questões para a própria sociedade. [...] (LAGO, 2019, p. 17)

Esse caso que testemunhei, foi um entre tantos outros que não são notados. E ainda neste percebo mais uma vez o meu descaso no momento da escrita de não ter interseccionado a discussão. Esses jovens são pretos, em sua maioria do sexo masculino e são favelados!

Nós pede comida e eles querem jogar míssil (eles querem jogar míssil)/Quatorze anos, preta é a cor da sua pele/Some da sua casa, aparece no IML/Nesse momento, eu ouço uma voz me dizendo/Foi fulano, foi beltrano, mas podia ser Guilherme/Pro favelado sobra isso (ADL, Favela vive 4, 2020)

3.2. Uma análise do trabalho do Serviço Social e proposta interventiva com as juventudes faveladas

O projeto profissional do Serviço Social assume compromisso com o projeto societário democrático e antirracista em seu Código de Ética mesmo com as contradições postas à profissão historicamente, se tornando necessário fundar suas dimensões em uma direção crítica e assentadas teoricamente.

As competências teórico-metodológica, técnico-operativa e ético política são requisitos fundamentais que permitem ao profissional colocar-se diante das situações com as quais se defronta, vislumbrando com clareza os projetos societários, seus vínculos de classe e seu próprio processo de trabalho (ABESS, 1997, p. 67).

Contudo, ao nos depararmos com a realidade favelada, percebe-se que a formação acadêmica do Serviço Social carece de teorias que pensem suas competências teórico-metodológicas, técnico-operativas e ético políticas a partir da dinâmica favelada e de produções feitas por pessoas faveladas, e isso não quer dizer que elas não existam, mas justifica-se ao entender a dinâmica de ensino enviesada pela branquitude que é escolhida para as pautas.

A morte configura-se na formação acadêmica, e esta corrobora com as funções assassinas do estado (MBEMBE, 2016, p.128), quando se há uma recusa ao conhecimento negro, sendo passível ao epistemicídio das produções afrocentradas.

O próprio Código de Ética da profissão regulamentado pela Lei nº 8.662, de 1993, não racializa a prática profissional, muito timidamente aparece a palavra discriminação e preconceito, inclusive dentro dos princípios fundamentais do documento.

[...] VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; [...] (CFESS, 1993, p. 23)

Sendo assim, as demandas que chegam às(aos) profissionais já formadas(os) que não buscam por si atualizações interseccionalizadas no debate não farão uma leitura concernente com a realidade da favela, muito menos farão uma intervenção que respeite a autonomia e as construções de jovens negros favelados, em busca de um cuidado ampliado de saúde.

A clínica ampliada é uma das diretrizes que a Política Nacional de Humanização propõe para qualificar o modo de se fazer saúde. Ampliar a clínica é aumentar a autonomia do usuário do serviço de saúde, da família e da comunidade. É integrar a equipe de trabalhadores da saúde de diferentes áreas na busca de um cuidado e tratamento de acordo com cada caso, com a criação de vínculo com o usuário. A vulnerabilidade e o risco do indivíduo são considerados e o diagnóstico é feito não só pelo saber dos especialistas clínicos, mas também leva em conta a história de quem está sendo cuidado. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010)

O que se propõe é primeiro partir do pressuposto que deve se haver para a ação profissional, sem exceções, com embasamento em teorias descolonizadas, que façam a categoria profissional pensar na favela enquanto lugar de potências. E assim as intervenções enxerguem nos jovens favelados pulsão de vida e uma história a ser ouvida, e contada.

Trabalhar como assistente social com jovens favelados é entender de que onde se é produzido morte incessantemente pelo Estado, a vida brota como resistência. Como diria o rapper Onni (2020) na música Ponto de Força: “Favela é uma fábrica de hinos, nosso drama: matéria prima.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] E eu não fiz o impossível parecer fácil

*Mas eu fiz o impossível se tornar possível
Quem vinha de onde eu venho não acreditava nem em seus próprios sonhos
Eu trouxe perspectivas, cê não acha isso incrível? [...]*

(BLACK, Poetas no topo 3.3 Parte 2, 2019)

O presente trabalho, e todas as memórias reavivadas com ele, me fizeram entender o quanto o “Fantástico Mundo de Bobby” ainda norteia as discussões na formação da categoria profissional. A minha mudança de leitura da realidade só se dá a partir do contato com professoras negras - Carmen Corato e Rachel Gouveia - da Escola de Serviço Social, já quase no meu terceiro ano de graduação. Elas teceram e compartilharam um cruzo de sabedorias descolonizadoras, nas quais antes estavam no campo da invisibilidade, e além disso provocaram incômodo ao me fazer compreender os meus privilégios enquanto mulher branca.

A passagem pelo cenário de prática em territórios favelados a partir do estágio, e com algumas experiências de projetos de intervenção, me proporcionaram conhecimentos diversos sobre as juventudes, inclusive me ensinaram que o território jamais será tão somente geográfico, os nossos territórios são levados por qualquer dos caminhos que traçarmos.

Além disso, as ações de interferência dos projetos de extensão, principalmente aqueles que proporcionaram minha inserção em campos de atuação para fora do campo acadêmico, fizeram-me compreender sobre a importância de implantar memórias nas juventudes ao proporcionar acesso à cultura e à educação em seu sentido amplo e popular. Isso alarga as opções de escolhas ao se tratar de projetos de vida, e subjetivamente expande sonhos.

Já sobre o meu interesse em aprofundar os estudos na saúde mental desponta a partir de experiências muito pessoais de sofrimento, no ano de 2018, onde as violências autoprovocadas se fizeram solução por não achar outros meios de extravasar as angústias.

E em meio a dor, o luzeiro que encontrei foi fazer dela o meu objetivo de estudo acadêmico profissional.

E em setembro de 2020, mês da campanha de prevenção ao suicídio, meu tio se suicida ateando fogo contra seu quarto, e eu e minha família presencia parte do ocorrido, sem poder fazer algo que o contivesse. Desde então, não há outro caminho senão o da saúde mental que me afete, e me mova enquanto profissional.

Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. Pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que “nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberta à sua própria transformação.” (BONDIA, 2007, p 25).

Cruzar o meu interesse pelas juventudes e pela saúde mental me ensinou que dentre tantas atribuições da profissão - análise, elaboração, coordenação e execução de caminhos que viabilizem o acesso dos usuários às políticas e direitos sociais-, há a ótica de ampliação de perspectivas de vida, não sob um olhar messiânico, mas desvelando e lutando contra as amarras dessa sociedade racista, sexista, classista e manicomial, inclusive, desvencilhando-se da ideia que o usuário não tem nada a nos ensinar. Já diria o Emicida “viver é partir, voltar e repartir”, mas lembremos que “é tudo pra ontem”.

REFERÊNCIAS

ABESS/CEDEPSS. **Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social**. In: Cadernos ABESS, São Paulo: Cortez, n. 7, 1997.

ADL. **Favela Vive 4**. 2020. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=SZ1H5HIOIuU>>. Acesso em: 3 jul. 2021.

ANDRADE, Artur. **A piada do palhaço**. 2018. Disponível em: <<https://psicanalisearacaju.org.br/2018/a-piada-do-palhaco>>. Acesso em 3 jul. 2021.

AXANT. **Primavera Fascista 2**. Estúdio Sala de Estar, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=foqoID8GXUU>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

BASAGLIA, F. **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Editora Garamond, Rio de Janeiro, 2005.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Universidade de Barcelona, Espanha, n. 19, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 9.306, de 15 de março de 2018**. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Juventude, instituído pela Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9306.htm>. Acesso em: 6 jun. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm>. Acesso em: 6 jun. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Código de Ética do/a Assistente Social**. Aprovado em 13 de março de 1993 com as alterações Introduzidas pelas Resoluções CFESS nº290/94, 293/94,333/96 e 594/11. Brasília: CFESS, 1993. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2021.

COSTA, Joaze Bernardino. **A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!**. Civitas: Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/22915/15069>>. Acesso em: 3 jun. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

EMICIDA. **Ismália**. Laboratório Fantasma, Sony Music, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynI>>. Acesso em: 20 mar. 2021

Froid. **Chuva**. Rod, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lj404o5DpMg>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

Froid. **Flow Lázaro Ramos**. Scalco; Vinícius Moreira VFX; Cinese Filmes, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0MoPU_52-cg>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GABZ, FLOW, Thai. **1910**. NOBRU Black, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xM9ofxGdIr8>>. Acesso em: 10 abr. 2021

GALI; SOUTO; BLACK. **Poetas No Topo. 3.3 - parte 2**. Pineapple StormTV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ihXYG-NRBN0>>. Acesso em: 03 abr. 2021

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 2, 223-244, 1984.

LAGO, Amanda. **Diário de Campo do Estágio curricular de Serviço Social I referente aos meses de Maio e Junho**. Rio de Janeiro, [s.l.], 2019.

LAHORGUE, Josiele. **Jovens, Política(s), Cidade(s): Diálogos na urbe e suas (im)possibilidades**. Dissertação de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/123310/326455.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

LEONI. **Garotos II**. 1993. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hFJljUyEJ3c>>. Acesso em: 7 jul. 2021.

LIMA, Luana; PAZ, Francisco Felipe Cunha. **A morte como horizonte? Notas sobre suicídio, racismo e necropolítica**. Revista Teoria e Cultura. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 1., Minas Gerais, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30795>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

LUZ, Cynthia. **Poetas No Topo 2**. Pineapple StormTV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OcXQbudiOhg>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

MARQUES, Marília. **'A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil', diz ONU ao lançar campanha contra violência**. G1, 2017. Disponível: <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contr-violencia.ghtml>>. Acesso em: 3 jun. 2021

MARTINS, Beatriz Adura. **Ode à Crueldade, ou a arte para pensar a desinstitucionalização**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2009. Disponível

em:

<https://app.uff.br/observatorio/uploads/Ode_%C3%A0_Crueldade,_ou_arte_para_pensar_a_desinstitucionaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MAX, Nego. **Eu não sou racista**. Prod. DropAllien, 2020. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=v2DCHWp2XyA>>. Acesso: 3 jun. 2021

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Revista do PPGAV- EBA- UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf?fbclid=IwAR1JvKQIuNZNIT6s_XKYEm6OiAUWfWH1toENITr1xUB1TjV_wlWCeA1iBIM>. Acesso em: 13 jun. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa Saúde na Escola (PSE)**. [entre 2007 e 2015]. Disponível em: <<https://aps.saude.gov.br/ape/pse>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. **Lélia Gonzalez e o pensamento interseccional: uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil**. *In: Territórios*, Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, 2020.

OPAS/OMS. **Suicídio**. [s.d]. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

PASSARELLI, Matheusa. **O Rio de Janeiro continua lindo e opressor: relatos da disciplina de gravura UERJ**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/matheusa-o-rio-de-janeiro-continua-lindo.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

PASSOS, Rachel Gouveia. **Luta Antimanicomial no cenário contemporâneo: Desafios atuais frente a reação conservadora**. *In: Socied. em Deb. (Pelotas)*, v. 23, n. 2, p. 55 - 75, jul./dez. 2017.

PEREIRA, M. O.; PASSOS, R. G. (Orgs.). **Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a Reforma Psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro, Autografia, 2017.

RODRIGUES, Cristiano. **Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil**. Florianópolis, 2013. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Disponível em: <<https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo%20negro2.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2021

SANT. **O que separa os homens dos meninos**. MC Marechal, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RuR_-V_sezE>. Acesso em: 3 jun. 2021.

SP, Mc Ryan. **Visão de cria**. Pineapple Storm Records, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YFrXrIF4OD0>>. Acesso: 7 jul. 2021.

VEJA. **Wilson Witzel: ‘A polícia vai mirar na cabecinha e... fogo’**. Rio de Janeiro. 1 nov. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/wilson-witzel-a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo/>> Acesso em: 12 jun. 2021.